

MULHERES NEGRAS E A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NAS MÍDIAS E REDES SOCIAIS

Aline Silva Dejosi Nery⁹⁰ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Luciana Ferrari Espindola Cabral⁹¹ – Universidade Federal do Rio de Janeiro e Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Ana Lúcia Nunes de Sousa⁹² – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo:

Com a instauração das medidas de isolamento decorrente pela Covid-19, os espaços culturais e escolares precisaram fechar as suas portas, e o isolamento social repercutiu diretamente nas estratégias de divulgação científica. Com isso, o Projeto de extensão "Mulheres Negras Fazendo Ciência" transferiu as suas ações presenciais para modo remoto. Este artigo apresenta o relato de experiência sobre as adaptações e ações realizadas no Projeto, através do uso de mídias e redes sociais, por meio de dados quantitativos e qualitativos. A principal mídia utilizada foi o *Instagram*, criada em junho de 2020. Nesta conta, o Projeto alcançou a marca dos 3.183 seguidores(as) em agosto de 2021, entre os quais a maioria são mulheres jovens. Os resultados do Projeto indicam que as redes e mídias *online* são estratégias de grande importância para a divulgação científica de pesquisas realizadas por pesquisadoras negras. Além disso, é importante citar como a popularidade alcançada gerou convites para *lives* e debates sobre o papel da mulher negra nas ciências e questões raciais, extrapolando, inclusive, os limites territoriais do estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Instagram. Mulheres. Ciência. Extensão.

Abstract:

With the introduction of the isolation measures resulting from Covid-19, cultural and school spaces had to close their doors, and social isolation had a direct impact on scientific dissemination strategies. With this, the extension project "Black Women Making Science" transferred its in-person actions to remote mode. This article presents an experience report on the adaptations and actions carried out in the Project, through the use of media and social networks, through Quantitative and qualitative data. The main media used was Instagram, created in June 2020. In this account, the Project reached the mark of 3,183 followers in August 2021, among which the majority are young women. Project indicate that online networks and media are objectives of great importance for the scientific dissemination of research carried out by black researchers. In addition, it is important to mention how the popularity achieved generated invitations to lives and debates on the role of black women in science and racial issues, extrapolating, including the territorial limits of the state of Rio de Janeiro.

Keywords: Instagram. Women. Science. Extension.

⁹⁰ Doutoranda e Mestra em Educação em Ciências e Saúde pelo Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde, com atuação no Laboratório de Vídeo Educativo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenadora de Comunicação Social do Museu de Ciências Espaço Ciência Viva. alinesnery@gmail.com

⁹¹ Professora EBTT do CEFET/RJ, onde realiza atividades de ensino, pesquisa e extensão. Doutoranda em Educação em Ciências e Saúde pelo Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). luciana.cabral@cefet-rj.br

⁹² Professora e pesquisadora no Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde, com atuação no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde e no Laboratório de Vídeo Educativo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). analucia@nutes.ufrj.br

1. Introdução

O Projeto de Extensão "Mulheres Negras Fazendo Ciência" (MNFC) foi criado em 2019, numa parceria entre estudantes e profissionais negras do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ele foi fruto de duas constatações: a invisibilidade de pesquisadoras negras no cenário acadêmico nacional e a posição subalterna a que meninas negras acabam relegadas quando se trata do incentivo ao envolvimento com a ciência.

Desta forma, uma das principais ações do MNFC é a formação de estudantes negras, de ensino médio e de graduação, para a divulgação científica de pesquisas e ações culturais realizadas especificamente por mulheres negras. Em 2019, as alunas, acompanhadas das professoras responsáveis pelo projeto, realizaram três palestras, uma oficina e produziram um vídeo. Nessas ações foram apresentadas a trajetória e pesquisas realizadas por cientistas negras do Rio de Janeiro, além do debate sobre a baixa representatividade destas pesquisadoras.

Em 2020, a emergência sanitária instaurada no país em face da pandemia do vírus SARS-CoV-2 estabeleceu a suspensão de eventos e condutas de isolamento social. Tal fato repercutiu diretamente na comunidade científica, que precisou modificar as suas estratégias de ensino e formas de interagir com a sociedade. Obviamente, com o MNFC não foi diferente. O Projeto de Extensão, assim como a maior parte das atividades acadêmicas, passou a funcionar de forma remota, utilizando-se da internet e suas possibilidades de interação social, criação e divulgação de conteúdos para dar continuidade aos trabalhos.

É neste cenário que as mídias e redes sociais *online* (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015) passaram a ter cada vez mais protagonismo, apoiadas na construção do laço social e no compartilhamento de saberes (LÉVY, 2010) possibilitados pelas redes virtuais. Em junho de 2020, foi criada, no *Instagram*, a conta @mulheresnegrasfazendociencia, a fim de continuar a divulgação científica realizada pelo Projeto e considerando a necessidade de isolamento social decretada pelos poderes públicos.

Na atualidade, entre várias mídias e redes sociais, o *Instagram* tem conseguido se destacar por seu forte vínculo com a imagem. Criada em 2010, esta rede social tem se modernizado na forma de divulgação de conteúdo ao longo dos anos, ao possibilitar o armazenamento, exposição e apresentações ao vivo para o público. Atualmente, no Brasil, ocupa o segundo lugar entre os *apps* mais populares entre os internautas brasileiros, segundo o Mobile Time e Opinion Box (2020), estando atrás apenas do WhatsApp.

Este artigo relata as estratégias e adaptações realizadas pelo Projeto para a continuidade das atividades de divulgação científica, em face do contexto mencionado. O relato de experiência apresenta um breve referencial teórico, a metodologia utilizada na coleta dos dados apresentados, os resultados da coleta de dados no *Instagram* e as considerações finais.

2. Referencial teórico

Nas universidades e institutos científicos brasileiros, o número de pesquisadoras negras ainda é ínfimo, quando não inexistente em algumas áreas do conhecimento. Em um contexto social marcado pelo racismo estrutural (ALMEIDA, 2020) e pela interseccionalidade na discriminação por gênero, raça e classe (CRENSHAW, 2004), as mulheres negras enfrentam situações que lhes colocam em desvantagens educacionais e profissionais. Algumas delas têm trabalhado para denunciar tais condições desiguais através de sua produção de conhecimento, tanto nos movimentos sociais quanto nos espaços acadêmicos (SANTOS, 2017). A autora aponta ainda que é fundamental que possamos discutir a desvalorização e invisibilidade da produção intelectual deste grupo e enfatiza que:

As mulheres negras lidam histórica e cotidianamente com uma realidade onde se veem forçadas a criar estratégias que assegurem a visibilidade e sustentabilidade de seu trabalho intelectual, seja no movimento social, seja na academia, pois são confrontadas com discursos e práticas que as deslegitimam e desautorizam, pondo em dúvida a validade, originalidade e relevância de suas produções (p.109).

Desta forma, apresentar mulheres negras na condição de produtoras de conhecimento, como é realizado neste Projeto, é fundamental. Ao utilizarmos as redes de mídias sociais para apresentá-las a partir de um outro lugar, diferente da imagem estereotipada e presente no inconsciente coletivo no qual a mulher negra é automaticamente associada à serviços braçais e desqualificados (FANON, 2008; ALMEIDA, 2020), atuamos na redução dos efeitos deletérios dessa representação.

Representar mulheres negras nas ciências contribui com a promoção da cidadania (BUENO, 2010), tarefa fundamental na popularização da ciência. Para Germano (2011), a divulgação científica (DC) é compreendida como a ação de tornar conhecido; propalar, difundir, publicar ou fazer-se popular questões vinculadas ao conhecimento científico. O objetivo da DC é construir pontes e diálogos entre ciência, saúde, cultura, sociedade e afins. A DC desenvolve e promove ações de ensino, pesquisa e divulgação em ciências, incentivando e motivando o prazer pela experimentação, descoberta, criatividade e pelo diálogo pela ciência.

Acredita-se, assim, que a divulgação científica, pode ser uma importante ferramenta antirracista quando utilizada para corrigir preconceitos arraigados, como a impossibilidade da mulher negra ser cientista (HOOKS, 1995). No caso específico deste Projeto de Extensão, espera-se que divulgar mulheres negras, atuantes nas ciências possa motivar e estimular o interesse deste público na área científica. Atualmente, estima-se que apenas 25% a 30% das matrículas nas áreas de ciências, tecnologia e matemáticas sejam de mulheres (CASEIRA; MAGALHÃES, 2019). Assim, é urgente incentivar o ingresso feminino na área.

Neste sentido, a utilização de redes e mídias sociais online, cada vez mais acessíveis à população, pode ser uma oportunidade para ampliar o diálogo com meninas e mulheres negras. Na atualidade, em tempos de isolamento social e informação cada vez mais veloz, as redes de mídia sociais *online*, principalmente as facilitadas por *apps*, facilitaram o acesso à informação e à divulgação científica.

As redes são "constituídas pelas relações entre os indivíduos e servem como a estrutura fundamental da sociedade" (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015). Falar de redes sociais é expor, portanto, de como as pessoas se conectam através de grupos. Já os *sites* de redes sociais são as contas na Internet, cujo objetivo é criar e manter as comunidades virtuais. Nos últimos anos, estes *sites* passaram a se centrar, cada vez mais, nos meios de comunicação e informação e nas potencialidades do conteúdo gerado pelo usuário, por isso passaram também a ser considerados mídias sociais (FUCHS, 2014).

Os meios sociais/*social media* "manifestam uma convergência entre a comunicação pessoal (para ser compartilhada um-para-um) e meios públicos (para ser compartilhado para qualquer pessoa)" (MEIKLE, 2014, p. 68). Esta possibilidade de, através de um só aplicativo, poder se comunicar pessoal e publicamente é um dos maiores atrativos de *apps* de redes sociais como o *Instagram*. São meios que estão imbricados entre a comunicação e a informação e, claro, podem ser utilizados para a divulgação científica, como no caso que apresentamos neste trabalho.

3. Metodologia

Inicialmente, o MNFC tinha as suas ações baseadas em discutir a baixa representação de mulheres negras como cientistas em palestras interativas em ambientes de educação formal e não-formal. Portanto, não atuávamos nas redes e mídias sociais. Diante da nova realidade, foram realizadas adaptações estratégicas para a continuidade das atividades de divulgação científica. O Projeto passou, então, a utilizar contas nas mídias e redes sociais, onde são

apresentadas cientistas negras que atuam nas áreas das ciências. A divulgação científica passou a ser realizada no formato de fotos, figuras, vídeos e *stories*⁹³.

Este trabalho é um relato de experiência, no qual serão descritos sinteticamente as principais atividades realizadas pelo projeto em 2020 e 2021. Além disso, apresentamos os dados quantitativos, obtidos através das métricas disponibilizadas pelas informações gerais da conta no *Instagram* do Projeto de Extensão "Mulheres Negras Fazendo Ciência" (@mulheresnegrasfazendociencia), coletados no mês de agosto de 2021.

4. Resultados

Criada em junho de 2020, a conta do *Instagram* possuía, em agosto de 2021, 3.183 seguidores. Em relação ao gênero, a maioria das pessoas que acompanhavam as publicações da conta, se cadastraram como mulheres (85,7%). Já a faixa etária se dividia em três principais grupos: o primeiro se encontra entre 25-34 anos (38,7%); o segundo, 18 e 24 anos (26,5%); e o terceiro, 35 e 44 anos (23,2%).

A conta tem seguidores distribuídos por algumas das capitais estaduais mais populosas e importantes do ponto de vista econômico e político, como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Belo Horizonte e Curitiba. Na categoria por países, 97,4% dos seguidores pertencem ao Brasil. Já a diferença da margem se distribui em países como Estados Unidos e Canadá, principalmente. Estes dados confirmam uma das características da Internet, sua propagabilidade e a possibilidade das mídias sociais serem compartilhadas para qualquer pessoa, como sugere Meikle (2014). Também corrobora Germano (2011), que preconiza a necessidade de que o conhecimento científico seja difundido e popularizado, alcançando um público amplo.

É importante destacar que a maioria das seguidoras são mulheres e encontram-se na cidade do Rio de Janeiro. Consideramos que isso se deve à manipulação e distribuição realizada pelo algoritmo do *app*, que privilegia a formação de bolhas digitais; além, claro, da localização da conta. Neste sentido, as pessoas tendem a perseguir o que naturalmente as atrai, destacando-se, portanto, a proximidade da localidade onde é realizada a postagem. Outro fator que, com certeza, influencia o maior número de seguidoras é a temática abordada na conta. Ela centra suas discussões nas dificuldades encontradas por mulheres cientistas, principalmente as mulheres negras (SANTOS, 2017), no racismo estrutural (ALMEIDA, 2020) e na interseccionalidade na discriminação por raça, classe e gênero (CRENSHAW, 2004).

⁹³ São publicações de vídeos ou fotos rápidas acessíveis até 24h, a partir do horário em que foi divulgado.

Até o fechamento deste artigo, 254 textos haviam sido publicados no *Instagram* do MNFC entre textos autorais e republicação de textos de outras contas, principalmente as protagonizadas por meninas e mulheres negras que atuam em áreas científicas e culturais. Nos *stories* são divulgados eventos sobre as temáticas: meninas e mulheres na ciência e negritude. Através da produção de conteúdo nesta mídia social, o Projeto ganhou maior visibilidade, o que gerou novos convites para entrevistas, palestras e mesas redondas, além das *lives*⁹⁴ em canais na própria rede social, que abordam ciências, educação, sociedade e a inserção de mulheres no meio científico, ajudando a corrigir os preconceitos sobre a intelectualidade negra, conforme apontado por hooks (1995).

A ferramenta Link.tree é utilizada como um suporte que compila os *links* das *lives* e das outras mídias sociais, e é disponibilizada na biografia (*bio*) informativa da conta no *Instagram*. Recentemente, também foi criado o canal no *Youtube*, com o intuito de arquivar e organizar a memória das várias *lives* para o qual o MNFC foi convidado nos últimos meses. Assim, um público mais amplo e diversificado pode assistir em qualquer momento as atividades realizadas. Além disso, a Extensão também possui uma página no *Facebook*.

Em relação às *lives*, o público assistente varia entre 27 a 1400 visualizações por evento. Até o momento, o grupo extensionista participou de dezessete (17) delas. Estes eventos, assim como outros conteúdos publicados na conta do *Instagram*, são frequentemente recomendados por outras contas que possuem a mesma temática e estudantes com interesse na temática.

Pelo *Youtube* foram transmitidas por outros canais, ao vivo, a mesa redonda “Repensando o mundo no encontro com Cientistas⁹⁵”, no canal do Espaço Virtual Fábio Scarano (NUPEM-UFRJ); e a inauguração do quadro "O Ciência Feminina Entrevista"⁹⁶, no canal Ciência Feminina. Pelo *Instagram*, o grupo foi entrevistado pela @dra.glorimarrosa.nutri e pelo @caiofaiad; participou da *live* intitulada "Quem somos?" O papel da física no mundo da cultura e na tradição intelectual", realizada pelo Centro Acadêmico José Leite Lopes (CAFis-UERJ).

Além disso, o grupo participou, também de outras duas atividades realizadas através do *GoogleMeet*: a Semana Antirracista do Pré-vestibular Edu Leocádio, da cidade do Rio de Janeiro; e a mesa “Discutindo o racismo na ciência pelo Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Evolução, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

⁹⁴ Transmissões de áudio e vídeo realizadas em tempo real na *Internet*.

⁹⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TT-LBTFPS5k&t=4s>

⁹⁶ Disponível em <https://youtu.be/kQDJV4hIM28>

5. Considerações finais

A migração das nossas atividades para o "modo remoto", fazendo uso extensivo de redes de mídias sociais e aplicativos de videoconferências permitiu a continuidade de nossas ações de extensão. Podemos afirmar, inclusive, que houve expansão das atividades. Além disso, todas as integrantes do grupo puderam continuar seus trabalhos de forma segura, em face da situação de emergência sanitária.

Destaca-se a interação entre as próprias cientistas que são apresentadas na conta, que servem como inspiração para outras mulheres que se interessem em atuar na área científica, portanto, as plataformas digitais podem ser utilizadas como uma estratégia de suma importância para a divulgação científica de pesquisas e pesquisadoras negras.

Os dados coletados informam que a maior parte das seguidoras são mulheres jovens. Além disso, outro dado interessante é ter ganhado "visibilidade" nas redes e mídias sociais, chegando a aumentar a participação em atividades nos anos de 2020 e 2021, se comparada ao ano anterior (que foi curto, pois o grupo iniciou as suas atividades em agosto de 2019). Passar para o *Instagram* - e também devido ao momento político atual - fez com que conseguíssemos debater os temas por mais de um ano inteiro e não somente nas datas comemorativas. Isso é, com certeza, um avanço para a luta antirracista. Acreditamos que popularizar a ciência e a atuação da mulher negra como profissional em tempos de isolamento é um modo de resistir e de persistir diante da conjuntura que descredibiliza e sucateia cada vez mais o conhecimento científico.

Referências

- ALMEIDA, S. L. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro: Editora Jandaíra, 2020. 220p.
- BUENO, W. C. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. *Informação & Informação*, v.15, n.1, p.1-12, 2010.
- CASEIRA, F. F.; MAGALHÃES, J. C. Meninas e jovens nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação: Raça-etnia, Gênero e Ciência em alguns artefatos. *Revista Diversidade e Educação*. v.7, n. especial, p. 259-275, 2019.
- CRENSHAW, K. W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília, Unifem. 2004.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador, EDUFBA, 2008. 194p.

FUCHS, C. *OccupyMedia!: The occupy movement and social media in crisis capitalism*. John Hunt Publishing, 2014.

GERMANO, M. G. *Uma nova ciência para um novo senso comum [online]*. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 400 p.

HOOKS, B. Intelectuais negras. *Estudos feministas*, v. 3, n. 2, p. 464, 1995.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010.

MEIKLE, G. 27 Social Media, Visibility, and Activism: The Kony 2012 Campaign. *DIY citizenship: Critical making and social media*, v. 373, 2014.

MOBILE TIME; OPINION BOX. *Panorama – Uso de Apps no Brasil, 2020*. Disponível em: <https://panoramamobiletime.com.br/uso-de-apps-no-brasil-dezembro-de-2020/>. Acesso em: 09 jan. 2021.

RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. *Análise de redes para mídia social*. Editora Sulina, 2015.

SANTOS, S. B. Interseccionalidade e Desigualdades Raciais e de Gênero na Produção de Conhecimento entre as Mulheres Negras. *Vozes, Pretérito & Devir*. Ano IV, v. VII, n. I, 2017.